

O JUGO DA DECISÃO E A ANESTESIA EXISTENCIAL NO ROMANCE MEHR DE SELIM ÖZDOGAN

THE DECISION YOKE AND EXISTENTIAL ANESTHESIA IN THE NOVEL MEHR BY SELIM ÖZDOGAN

Dionei Mathias

UFSM

Resumo: Este artigo pretende analisar o romance *Mehr* ('Mais'), publicado em 1999 pelo escritor turco-alemão Selim Özdogan, concentrando-se no problema em volta da tomada de decisão. Após uma reflexão sobre a dimensão semântica do conceito de decisão e sua implicação para o processo de construção de identidade, a análise aborda alguns aspectos centrais do romance e do conflito experimentado pelo protagonista: a falta de orientação, a postergação da decisão e formas orgânicas de sentido.

Palavras-chave: Selim Özdogan. Mehr. Decisão.

Abstract: This article wants to analyze the novel *Mehr* ('More'), published in 1999 by the Turkish German writer Selim Özdogan, concentrating on the problem around decision taking. After some considerations about the semantic dimension of the concept of decision, this analysis addresses some central aspects of the novel and the conflicts felt by the main character: the lack of orientation, the delaying of decision taking and organic ways of meaning.

Keywords: Selim Özdogan. Mehr. Decision.

Introdução

Toda construção de identidade impõe o imperativo da decisão. Decidir, que etimologicamente atualiza a ideia de corte, indicando metaforicamente a excisão de uma determinada concretização de realidade do conjunto de infinitas possibilidades, pode implicar a dor, como sugere a palavra de origem latina, uma vez que encerra o abandono de outros caminhos para produzir a existência que talvez contenham um potencial maior de satisfação e prazer. A palavra alemã (*ent-*

scheiden), por sua vez, parece sugerir o caminho contrário, já que lembra o processo inverso, isto é, desfazer o corte, indicando metaforicamente a paz anímica alcançada após o sopeso das diferentes possibilidades. Em ambos os casos, o ato de decidir passa por um processo de separação, em que o sujeito precisa suportar a dor inscrita na reconfiguração da realidade.

Em sociedades tradicionais, ou seja, em sociedades em que o indivíduo toma suas decisões com base na herança cultural para interpretar e concretizar a realidade, a dor envolvida no processo de seccionar as possibilidades, de certa forma, se encontra amenizada, uma vez que o grupo oferece diferentes moldes que predisõem o modo como esse sujeito deve agir (ABELS, 2006; KEUPP, 2002) Isso muda radicalmente em sociedades pós-modernas, em que a individualidade figura como bem maior (ZIMA, 2001). É preciso ter uma marca única que diferencie o sujeito dos outros membros do grupo, a fim de não perder seu status nem comprometer o papel social que deseja encenar. Com isso, o processo de tomada de decisão se torna muito mais complexo, pois, para assegurar a individualidade aparentemente absoluta, o sujeito se vê forçado a reinventar-se a cada momento, a fim de escapar da homogeneização.

A lógica do consumo de marcas únicas que fundamenta muitos desses projetos de identidade não se limita somente à representação exterior, ela passa a integrar também a modelagem da experiência anímica. Logo, para garantir uma encenação social que indique a unicidade do indivíduo, este precisa apresentar também uma gama de sensações únicas que lhe permitam narrar uma identidade à altura do mercado. Essa lógica que, num primeiro momento, parece facilmente identificável e controlável, na verdade, acaba integrando-se ao aparato de percepção e apropriação de realidade. Isto é, o indivíduo começa a ver o mundo e a si mesmo a partir dos mecanismos que determinam o mercado e o consumo.

Nessa visão do mundo, uma existência sem sensações únicas e sem marcas de diferença que despertem a admiração do outro encontra dificuldades para narrar-se no espaço social, mas também para encontrar satisfação pessoal ou mesmo sentido. Para Türcke (2010, p. 14), “as sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso a vida social como um todo”. O sujeito aparentemente autônomo e determinado, portanto, precisa decidir-se constantemente, a fim de não perder uma oportunidade que lhe promete uma sensação digna de ser narrada no círculo de conhecidos e diante do foro íntimo. Seu potencial mercadológico aumenta com uma habilidade bem desenvolvida de reconhecer chances e tomar decisões rápidas, a fim de não perder o momento.

O romance Mehr (‘Mais’), publicado em 1999 e ainda não traduzido ao português, do autor turco-alemão Selim Özdogan, de certa forma, aborda essa temática ao discutir a insatisfação que acompanha a concretização existencial em todos os seus aspectos. Numa entrevista concedida em 2009, sobre um romance publicado naquele ano, Özdogan (NOLLER, ÖZGOGAN, 2009) afirma: “Sempre nos fazem crer que é preciso se sentir independente, livre, que se tem a escolha entre duas ou mais coisas. Coca ou água ou cerveja, é preciso decidir-se constantemente e o ‘poder decidir-se’ é visto como algo positivo. Nisso, os objetivos não têm nada a ver conosco, eles nos são prescritos”. Essa passagem parece indicar algumas das principais preocupações que caracterizam

a obra do autor: (1) há uma ideologia, ou melhor, uma interpretação de realidade oriunda de uma instância exterior ao sujeito que prescreve o modo como a existência deve ser concretizada no marco da liberdade; (2) nessa interpretação de realidade, a capacidade de decisão indica autonomia e autodeterminação, quando, de fato, também a tomada de decisão está condicionada por uma série de fatores que escapam ao controle do sujeito; (3) por fim, os objetivos a serem alcançados e a imaginação do futuro intrínseca a eles estão arraigados num discurso heteronômico que distancia o sujeito das necessidades que realmente caracterizam sua existência.

Imerso numa visão de mundo que prescreve a diversidade de escolhas aparentemente livres para criar um presente e idealizar um futuro supostamente satisfatório - ou seja, o credo da sociedade de consumo -, o sujeito se arremessa na tarefa de dar conta da vida com um arsenal de ideias que promete algo que definitivamente não pode cumprir. O consumo só existe se houver uma data de validade para os produtos consumidos e isso também vale para os projetos de vida cujo fim, ao menos nessa lógica, não pode residir no alcance da satisfação permanente. O que se prega é a diversidade de sensações, de preferências, cada vez mais intensas, despertando uma sede inquietante por mais.

Uma das epígrafes que acompanha o romance é o trecho de uma canção de Tom Liwa, cantor da região do oeste alemão, onde também reside Selim Özdoğan: “três desejos – e o primeiro já seria: ‘mais, mais, mais!’” (ÖZDOĞAN, 1999, p. 5). O sujeito condicionado pelo jugo da sensação não logra calar o desejo por mais. Logo, a obtenção de um estado anímico relativamente satisfatório jamais será suficiente, pois em seu cerne cresce a anseio por uma satisfação maior. Essa condição implica que não somente os produtos consumidos freneticamente perdem seu valor de mercado de modo muito rápido, também as experiências anímicas acabam tornando-se obsoletas, tão logo tenham sido experimentadas pelo sujeito. Özdoğan questiona ideologias, exercitando novos modos de vida e percepção, como constata Sariçoban (2012) em sua análise do romance *Die Tochter des Schmieds* (‘A filha do ferreiro’).

A inserção, no mais das vezes inconsciente, do princípio mercadológico de consumo no horizonte perceptivo do sujeito tem algumas implicações para a construção de identidade e sua encenação no espaço social. O indivíduo se vê acossado por novas turbulências, para as quais não recebeu receitas que pudessem auxiliá-lo a dar conta dessa nova categoria de desafio existencial. Com efeito, ele se encontra sozinho diante das dificuldades pessoais, dirigindo seu olhar nostálgico à geração anterior, que ainda podia recorrer às tradições para encontrar respostas.

Em seu romance, Özdoğan aborda esse conflito, construindo um protagonista que, aos 26 anos, narra em primeira pessoa uma série de dilemas e tomadas de decisões que formam a base de sua construção identitária. Nisso, ele reflete sobre (1) a falta de orientação que o acomete, (2) a dificuldade de tomar decisões diante das várias possibilidades de concretizar sua vida e, por fim, (3) os raros momentos de anestesia ou satisfação existencial. Sua pertença ao círculo cultural tanto alemão como turco, ou seja, a etiqueta indesejada de imigrante acaba expandindo ainda mais os conflitos que precisa resolver. Estes, contudo, não estão no centro de sua atenção figural, embora

sejam mencionados e representem um foco de inquietação no contexto da narração identitária, especialmente quando fala do gueto na infância, de seu grupo de amigos na primeira fase de sua vida ou quando volta de viagens e se vê simbolicamente excluído pelos agentes de imigração.

Falta de orientação

O protagonista se encontra numa fase tipicamente de transição, muito embora tenha um relacionamento estável e uma orientação profissional estabelecida. Enquanto ele vive na Alemanha, seus pais optaram por voltar à Turquia, ou seja, houve um processo de desmembramento do primeiro círculo social e a formação de um novo núcleo em torno de amigos, com os quais discute seus problemas e divide seu apartamento. Com eles, compartilha certas convicções e enfrenta problemas semelhantes. Contudo, por baixo da capa de autonomia e encapsulado numa narração identitária admirável, há também a sensação de que algo não está em harmonia com as necessidades que se encontram no além da formação de status e representação social:

Quanto mais tempo se ficava em algum lugar, mais a gente via as coisas de modo desolador, não se iludia mais. É possível que na vida também era assim, as ilusões, a magia e as imaginações desapareceriam pouco a pouco, até que um dia não sobraria mais nada. A gente constataria que a verdade não era nada, vazia e oca (2009, p. 153).

Essa passagem que discute a desilusão e pode implicar um processo de amadurecimento revela igualmente um elemento importante sobre alguns valores na concretização de vida do protagonista. Inscrita nela, há a esperança de que os lugares e os objetos não percam seu brilho, que a visualização da vida esteja sempre acompanhada de um lado lúdico que estende suas possibilidades. Nessa forma de apropriação da realidade, há certa proximidade ao comportamento de consumo que tampouco tolera a ideia de envelhecimento de objetos, pessoas, sensações. Aquilo que perdeu seu impacto inicial já não tem um valor de mercado desejável e que mereça, por parte do sujeito, o investimento de energia anímica para sua representação. Özdoğan “descreve a ambivalência da modernização, suas perdas e suas conquistas”, como conclui Hofmann (2012, p. 167) ao analisar o romance *Die Tochter des Schmieds*, que trata da origem simples da primeira geração a emigrar para Alemanha. No romance *Mebr*, ao contrário, a geração seguinte já está habituada à sociedade industrializada, sendo confrontada com outros conflitos de ambivalência.

Com efeito, a atitude do protagonista é dúbia. Por um lado, ele se defronta com aspectos menos aprazíveis e que causam dor, sem procurar reprimir sua intensidade ou esquivar-se da reflexão. Por outro lado, sua interpretação unilateral de que a falta de brilho e intensidade equivalha ao vazio indica um momento de transição em que ainda não encontrou um modo adequado para inserir essas informações no contexto de sua identidade, sem ver nelas uma ameaça para a coerência de sua história pessoal. A passagem revela o embate subjetivo, pois o protagonista tenta antecipar possíveis caminhos que ainda permanecem indesejados em seu horizonte perceptivo,

porém, ao mesmo tempo que os nega, sua verbalização revela um esforço de compreensão, uma busca por uma forma de orientar-se diante dessas informações que se chocam com seu modo de interpretar a realidade. Essa tarefa acaba se transformando em seu maior desafio e o acompanha em diferentes estágios de seu desenvolvimento. Ele não foge do confronto, mas reiteradamente apresenta dificuldades em encontrar uma orientação existencial à altura de suas dúvidas.

Essas dúvidas residem frequentemente na experiência desconcertante da passagem demasiado rápida da novidade. Em analogia à lógica do consumo, o protagonista experimenta uma sensação semelhante em outros acontecimentos que marcam sua existência:

Não havia oito horas que estava de volta, mas de repente tinha a sensação que eram anos. A gente se acostuma rápido demais a tudo, a gente se acostuma a coisas boas e coisas ruins, a gente se acostuma a ter sexo, a gente se acostuma a ser infeliz, a se alegrar, a sofrer, a desesperar, a ser eufórico, mesmo se o mundo, no fundo, nos permanece estranho. Muitas vezes, eu acreditava que aos dezesseis estava muito mais próximo à morte do que agora, naquele tempo ainda não tinha me acostumado pra valer a estar vivo. Agora é algo normal, só ainda não sei muito bem o que é bom ou que é certo, a que é preciso se ater, o que é eterno e como se consegue passar pela vida dignamente (2009, p. 21).

O elemento central que caracteriza seu aparato de apropriação do mundo consiste na constatação de que a novidade não perdura, transformando-se quase concomitantemente em algo rotineiro e que já não logra despertar seu interesse. A volta para casa, a vida íntima, os estados anímicos, em suma os vetores existenciais, se transformam rapidamente, como a mercadoria, em algo sem brilho ou intensidade. A atenção empenhada e, com ela, o potencial de formação de sentido se perde, fomentando a produção de entulho semântico.

Este sobrecarrega a narração de identidade com uma série de pequenas sequências narrativas, cujo conteúdo já não tem mais importância real para o sujeito, mas que ainda não pode ser descartado, uma vez que o indivíduo não possui clareza sobre como ordenar essas informações ou preencher o vácuo que a ausência desses elementos produziria. Esse excesso semântico ocupa lugar, forçando o sujeito a levar esses elementos em consideração e, com isso, a despender um montante de energia anímica que acaba se perdendo sem trazer mudanças reais para a narração de identidade. De certa forma, o indivíduo se torna escravo desses recortes narrativos, pois não tem autonomia suficiente para determinar o rumo a ser dado a esses sentidos.

Circundado por sentidos obsoletos, o protagonista se encontra diante da difícil tarefa de ordenar sua narração de identidade. A produção de novidade ou o consumo constante não trazem a satisfação implicitamente desejada por ele. A despeito de suas tentativas de compreensão, não consegue encontrar um caminho para apropriar-se do espaço existencial de modo íntegro. O mundo e, com ele, os elementos já desprovidos do brilho inicial permanecem estranhos, impassíveis de serem introduzidos em sua narração identitária de modo coeso. O que resta são traços de sentido que, num primeiro instante, prometem prazer constante, mas que rapidamente revelam sua data de validade, se o indivíduo não desenvolver outra estratégia de inserção. A novidade passa e, com ela,

uma parte do potencial de sentido. Cabe ao sujeito descobrir formas de organizar seu mundo com base numa outra lógica que não a do consumo.

Postergando decisões

O consumo de produtos e novidades exige decisões. Deixar de consumir e optar por outros modos de concretizar a identidade também as impõem. Com efeito, o protagonista pressente a necessidade de encontrar clareza sobre os valores que orientam sua vida, contudo o imperativo do consumo é tamanhamente intransigente, que ele encontra dificuldades para divisar interpretações de mundo além da lógica mercadológica da sensação. Desse embate entre a necessidade intuída e as imposições estabelecidas como fonte de percepção, surge um grande desconforto que perpassa toda a narrativa. Essa sensação desagradável que persegue o personagem principal antecipa a dor proveniente da decisão. Ele intui que precisa optar por algum caminho e abandonar outros. O que está em jogo aqui é a balança do prazer. Os diferentes caminhos a serem tomados, na verdade, representam promessas de obtenção de prazer.

Trata-se de projetos, mais ou menos conscientes, que colocam em prática uma série de estratégias a fim de assegurar uns dos bens centrais para a narração de identidade, a saber, a posse do gozo. Por conseguinte, toda decisão também implica um risco, uma vez que o indivíduo aposta suas cartas, muitas vezes, num único projeto. A dificuldade no processo da tomada de decisão reside, entre outras razões, no receio de abandonar uma chance que mais tarde se revele como a melhor, isto é, com um potencial de prazer mais extenso. Dessa ansiedade pela perda surge uma força motriz que guia a realização da identidade. Com o intuito de evitar um confronto demasiado direto com a sensação de perda, o indivíduo entra na engrenagem da ‘regra do mais’. O título do romance indica sua posição central. O constante empenho por cada vez mais não tem como fim obter um número maior de recursos para garantir a sobrevivência e a procriação, duas constantes biológicas. A necessidade por mais parece residir num esforço de evitar a dor que, por sua vez, reside no confronto com uma possível perda. Talvez a morte seja tão temida justamente por implicar a aniquilação completa do potencial de gozo. Por conseguinte, é preciso viver mais e melhor, com mais recursos e maiores fontes para que o indivíduo possa imergir no prazer ininterrupto. Em torno dessa promessa, o sujeito elabora inúmeras micronarrativas que fundamentam a textura de sua identidade.

Para escapar da experiência desconfortável da decisão e, portanto, do confronto com a visão de perda, o protagonista procura por narrativas que atenuem seu potencial incisivo. O conforto surge da posse de bens aos quais atribui grande valor. Assim a moradia e, sobretudo, o círculo social formado pela namorada, pela família e pelos amigos servem de lenitivo para abrandar o medo da decisão errada e do subseqüente fracasso (2009, p. 31). Independentemente do resultado que uma determinada tomada de decisão pode produzir, a base formada pelo círculo social parece ter certa estabilidade. Com isso, a imaginação do futuro obtém, ao menos, algumas coordenadas que

debelam o vazio ou a ausência de prazer. Consequentemente, também o caos que ameaça impor-se diante de decisões desacertadas se encontra temporariamente sob controle, de modo que o gozo conquistado não se vê em perigo.

Além da mobilização de fontes de prazer existentes como forma de amenizar o impacto da tomada de decisão, o protagonista recorre a outras estratégias para dar conta da dor que experimenta no processo de definição de sua identidade. Nisso o destino, como força maior, tem um papel interessante. Vítima de seus próprios desejos, o protagonista não sabe se a melhor opção reside em permanecer com a namorada atual ou arriscar um relacionamento com outra mulher ainda mais bonita, mais interessante e com um potencial de prazer maior. Indeciso, contempla a beleza da mulher que dorme a seu lado e que o emociona, mas cujo empenho afetivo não o convence suficientemente para imaginar seu futuro com ela. Para escapar da dor, ele delega a responsabilidade: “Eu decidi deixar a coisa correr, não estava em condições de tomar uma decisão, provavelmente era um covarde, mas eu decidi esperar por um sinal do destino” (2009, p. 118). Ao esperar uma resposta do destino, ele evita fazer o corte na narração de identidade e se esquiva da dor maior que a decisão e a clareza trazem consigo. A introdução do destino como instância reguladora da narração identitária, neste caso, se revela como bastante confortável, pois permite delegar a responsabilidade pelo eventual fracasso. Desse modo tanto a obtenção como a perda da fonte de prazer estão atreladas a um princípio ativo que o sujeito aparentemente não pode influenciar. A apropriação e a interpretação do mundo embasados nessa forma de delegação de responsabilidade obliteram a dor e permitem ao protagonista ter a sensação de não precisar encontrar clareza. Na verdade, porém, ele produz ainda mais entulho semântico que sobrecarregam sua narração de identidade, impedindo-o de investir sua energia em projetos que, de fato, possam representar um desenvolvimento substancial no sentido de engendrar sequências narrativas estabilizantes.

Se nem os recursos existentes nem a delegação de responsabilidade ao destino logram auxiliar o protagonista na tentativa de esquivar-se da decisão, há um terceiro caminho que reside no uso de entorpecentes: “Para mim, o bom em estar drogado é não precisar agir mais, que as coisas somente aconteçam, que renunciemos ao controle” (2009, p. 125). Nesse sentido, o uso das drogas, num mesmo momento, diminui a dor e aumenta o prazer, ao menos durante o período de entorpecimento. Com efeito, o sujeito se encontra num estado de passividade completa, uma vez que a ação, entendida como modo individual de apropriar-se da realidade e construí-la por meio de decisões, não tem mais lugar. A energia investida na manutenção do controle e no disciplinamento do corpo, para que este se subordine docilmente às necessidades da ação e da decisão, acaba liberada, permanecendo à disposição do sujeito, sem que este precise idear estratégias para canalizá-la. A sensação experimentada pelo protagonista se aproxima ao interstício entre duas batalhas que demandam concentração máxima e empenho irrestrito de energia. De certa forma, ela interrompe a necessidade de narrar e tecer a identidade, para dedicar-se exclusivamente ao prazer. Essa interrupção, contudo, somente posterga o imperativo da decisão, aumentando o entulho semântico e potenciando a dor.

Interessantemente, o protagonista não se mostra incapaz de refletir sobre aquilo que produz seu comportamento. De fato, há certo distanciamento que lhe permite reconhecer sua dificuldade em tomar decisões:

Eu pensei ainda mais para trás, nas horas em que passara na videoteca enfrente aos filmes pornográficos, incapaz de decidir-me por um filme, porque sempre tinha a sensação que o bom, no fim, era aquele que eu deixaria para trás, indiferentemente, se emprestava dois ou três, aquele que saciaria minha voracidade por imagens provavelmente não estaria entre eles. Talvez a vida também significasse não ter mais a sensação de perder algo (2009, p. 117).

O conflito que o atormentava na adolescência ao ter de escolher um filme permanece e retorna, sem mudanças substanciais, em várias outras tarefas de concretizar a existência. Isso também vale para a ansiedade que acompanha o processo de decisão diante da possibilidade de por em risco o prazer maior. Sua conclusão, contudo, talvez seja errônea ou ilusória, indicando que ainda não está preparado para suportar a dor intrínseca ao processo de construção de identidade. Ter a sensação de não estar perdendo nada, de certa forma, implica ter a certeza de possuir o prazer máximo, sem remorsos ou ansiedades. Nisso reside a grande promessa do mercado e da lógica do consumo, até que surja a versão ainda mais prazerosa e promissora do produto. A satisfação representa um peso relativo entre diversas possibilidades e definitivamente tem uma data de validade inexoravelmente curta. Conseqüentemente, o desejo de concretizar uma vida em que o sujeito possa afirmar não ter perdido nada se revela como algo utópico, pois basta comparar para constatar o caráter relativo da conquista. A interpretação exposta pelo protagonista não mostra somente a contradição, ela indica também sua grande dificuldade de suportar a intensidade da dor, em seus diversos graus de concretização.

Momentos de anestesia

Diante da falta de orientação e da dificuldade de tomar decisões, o protagonista procura freneticamente por pequenas ilhas, em que o embate emocional esteja neutralizado. Nesse espaço de regeneração, surgem paisagens anímicas, ou seja, atmosferas subjetivas em que o indivíduo não experimenta o imperativo da ação, decisão ou do posicionamento nas coordenadas do poder. Ao contrário do que poderia esperar-se, esses momentos não representam um excesso semântico não processado em sua narração identitária que o impedem de desenvolver-se. Com efeito, eles configuram pequenas junções narrativas que produzem um sentido maior, além da lógica mercadológica do consumo exacerbado. Esse sentido orgânico não sintetiza uma fuga, como no caso das drogas que, de certa forma, servem ao protagonista como instrumentos para evitar um confronto, ao invés disso, cria uma rede de nexos que fundamenta a coesão de sua identidade, solidificando a orientação teleológica que não logra obter no consumo frenético de sensações.

O sentido em questão é orgânico justamente por excluir um processo de produção volitiva,

direcionada e instrumental. Não é suficiente que o sujeito deseje produzir o sentido, ele surge com base em uma série de elementos cuja harmonia momentânea propicia sua concretização. Com o crescimento orgânico desse sentido, o sujeito se regenera e estende seu potencial de apropriação de realidade. Uma situação em que surge esse sentido de forma inesperada no horizonte do protagonista se dá depois de passar uma noite conversando com outra mulher. Os perigos da lógica do consumo, a incerteza e a ansiedade da decisão não estão distantes, mas ao voltar sozinho de madrugada repentinamente experimenta um sentido maior: “Flocos de neve cada vez maiores e mais pesados estavam caindo, entretanto havia neve suficiente, de modo que rangia sob as solas, era uma noite maravilhosa, deviam ser quatro horas, nenhuma pessoa na rua e quase não havia carros, mais ou menos assim devia parecer a felicidade” (2009, p. 108). A paisagem hibernal viabiliza uma experiência de sossego, em que o protagonista vê anulado seu desejo por mais. A anulação do desejo permite a imersão de seu aparato perceptivo na paisagem e na atmosfera que o circundam, obliterando o desassossego da decisão. Nisso, toda sua energia se canaliza para a percepção dos sentidos que emanam desse conjunto de sensações.

Além dessa experiência com a paisagem a caminho de casa, a música tem um papel central não somente para a narração e concepção do protagonista – o que se mostra nas inúmeras indicações de preferências musicais bem específicas para diferentes contextos – mas também para a produção de atmosferas anímicas estabilizantes. Semelhantemente àquilo que se deu no contato fugaz com a paisagem hibernal, também a música leva o protagonista naturalmente a distanciar-se do imperativo do consumo ou de mais sensações para imergir na experiência musical. Esta cria um fundamento para a vivência de harmonia entre as necessidades subjetivas de interrupção do embate de decisão e o mundo exterior: “Eu coloquei as *Garras dos Sentidos* de Mísia e escutei cheio de devoção, essa era a música certa para esse momento. Tudo era tão frágil e delicado, cheio de amor, eu me senti protegido quando mais tarde me escondi debaixo dos cobertores e puxei as pernas para junto de mim. Estava quente e macio quando adormeci” (2009, p. 108). A tonalidade dos textos de uma das mais importantes fadistas portuguesas na atualidade parece ir de encontro àquilo que o protagonista necessita. O sentido que brota dessa música é o sentido pelo qual anseia o personagem principal. A despeito de suas tentativas de obtê-lo em outro lugar com um empenho cognitivo dirigido, ele o alcança somente nesses interstícios existenciais, em que a ordem do mais retrocede e lhe permite concentrar-se de modo cabal no momento, obliterando a dor do passado e a ansiedade do futuro.

Interessantemente, os movimentos executados pelo protagonista durante essa experiência potenciada de sentido remetem ao ambiente do útero materno. O calor, a escuridão e, sobretudo, a proteção que emanam do ambiente sugerem a anulação momentânea da consciência e, com ela, o sistema totalitário da decisão e responsabilidade. A sensação de harmonia surge da possibilidade de interromper o empenho de energia demandado no processo de escolha. Nisso, o sujeito não age, produzindo sentidos a serem inseridos na narrativa identitária, ele simplesmente vivencia e experimenta uma carga semântica que adentra suas vísceras organicamente.

O caráter visceral do sentido se revela de forma ainda mais contundente no terceiro elemento que concretiza um interstício existencial. Este reside na experiência potenciada no corpo: “Sim, ela era bonita, era bom que estivesse aí novamente, havia dias que a gente acordava e sabia que somente uma coisa fazia sentido. Ficar deitado barriga com barriga o dia todo debaixo do cobertor, olhar um pouquinho a chuva cair, comer, dormir, transar, deixar a música tocar e mandar à merda todo o resto” (2009, p. 115). O que predomina nessa passagem é a apropriação de sensações, sem uma triagem reflexiva muito intensa. O sentido experimentado pelo corpo parece suficiente, por conseguinte, o sujeito não precisa empenhar suas energias em obter mais sentidos por meio de decisões refletidamente tomadas. A lógica impositiva do consumo e suas projeções para o eixo do futuro estão neutralizadas. O que resta é um presente orgânico, em que o sujeito descansa, permitindo que a lógica do corpo prevaleça sobre receitas externas.

Considerações finais

A decisão é um corte, que implica dor, mais ou menos intensa. Para desejar sua incisão é necessária clareza, isto é, um oriente que guie e legitime a dor. Com a falta deste, surge entulho semântico que sobrecarrega inconscientemente a narração identitária do indivíduo, uma vez que a indecisão permite várias possibilidades narrativas paralelas que impedem o sujeito de definir-se e, com isso, alcançar maturidade. O imperativo da decisão, na verdade, representa uma lei natural, já que provavelmente não existe concretização existencial sem tomadas de decisão. O estilo de vida ditado pelas regras mercadológicas do consumo talvez sejam uma perversão de um processo natural.

A decisão, como indica Özdoğan na entrevista mencionada na introdução, está atrelada ao conceito de liberdade, independência, autonomia. Todos esses conceitos também valem para a imaginação de futuro e dos objetivos a serem alcançados. A pergunta que o autor aborda na entrevista e encena na realidade intradiagética reside na natureza desses objetivos para os quais as decisões precisam ser tomadas. Trata-se de objetivos ditados por normas exteriores que pregam uma narração identitária embasada nas leis mercadológicas do mais forte e do maior consumo? Ou são objetivos oriundos de uma lei orgânica que segue as necessidades do corpo? Özdoğan não fornece respostas sobre como dar conta desse conflito. Ele tampouco parece otimista quanto à capacidade do indivíduo de diferenciar as diferentes fontes produtoras de objetivos e no que concerne à chance de concretizar uma existência no princípio da satisfação ou plenitude. A encenação do conflito, contudo, estabelece um fundamento a partir do qual o leitor pode refletir e encontrar respostas provisórias.

Referências bibliográficas

ABELS, Heinz. *Wirklichkeit. Über Wissen und andere Definitionen der Wirklichkeit, über uns und Andere, Fremde und Vorurteile*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2009.

HOFMANN, Michael. Güls Welt. Erzählungen der Modernisierung in Selim Özdogans ‚Die Tochter des Schmieds‘. In: *Studien zur deutschen Sprache und Literatur*, 2012, 19, p. 155-168.

KARAKUŞ, Mahmut. Selim Özdogans Die Tochter des Schmieds: Möglichkeiten der Selbstverwirklichung der Frauen. In: *Studien zur deutschen Sprache und Literatur*, 2012, 19, p. 139-153.

KEUPP, Heiner u.a.. *Identitätskonstruktionen: das Patchwork der Identitäten in der Spätmoderne*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

ÖZDOGAN, Selim. *Mehr*. Frankfurt am Main: Büchergilde Gutenberg, 1999.

NOLLER, Ulrich; ÖZDOGAN, Selim. Selim Özdogan im Gespräch. Hamburg, 2009. Disponível em: <<http://culturmag.de/litmag/selim-ozdogan-im-gesprach/1742>>. Acesso em: 16 de maio de 2014.

SARIÇOBAN, Gökçen. *Zwischen Tradition und Moderne. Lebensvorstellungen und Wahrnehmungsweisen in Selim Özdogans Roman ‚Die Tochter des Schmieds‘*. Berlin: Frank & Timme Verlag für wissenschaftliche Literatur, 2012.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada. Filosofia da sensação*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

ZIMA, Peter. *Moderne/Postmoderne*. Tübingen/Basel: A. Francke Verlag, 2001.

Dionei Mathias

Docente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrado e Doutorado em Letras (Universidade de Hamburgo, UHH, Alemanha) e Doutorado em Letras (UFPR).

Enviado em 15/09/2017.

Aceito em 30/10/2017.